



DOMINICA
PASCHÆ IN
RESURRECTIONE
DOMINI

Litterae Ministri Generalis
Ordinis Fratrum Minorum



CREIO, SENHOR, MAS AUMENTA MINHA POBRE FÉ

**“Ressuscitou!”
(Lc 24,6).**

Esta é, meus queridos irmãos e irmãs, a experiência dos que comeram e beberam com Ele depois da sua ressurreição (cf. Atos 10,41), e de todos os que se sentem renascidos “para a esperança viva, para a herança incorruptível” (1Pe 1,3-4). **“Ressuscitou!”** Este é o fundamento da nossa fé, a razão da nossa esperança e o motivo da nossa caridade: “Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé” (1Cor 15,14). Sem esta experiência, a cruz de Jesus e as nossas seriam uma tragédia e a vida cristã um absurdo. A partir dela, ao contrário, podemos cantar com a liturgia: “O Crux, ave, spes unica”, “Salve, ó cruz, nossa única esperança!”. O Crucificado “ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Cor 15,4). Eis aqui o núcleo central da nossa fé e do *kerigma* primitivo: “Tanto eu como eles, eis o que proclamamos” (1Cor 15,11). A ressurreição é o grande “sim” de Deus Pai a seu Filho e, nele, a nós, por isso é também o tema do anúncio e o fundamento da nossa fé.

Sim, verdadeiramente ressuscitou!

Sempre me impressionou o fato que os cristãos orientais neste período se saúdam com as seguintes palavras: “Cristo ressuscitou”, ao que se responde “Sim, verdadeiramente ressuscitou!”. **Sim, ressuscitou.** Esta confissão de fé a fazemos no contexto do *Ano da fé*, querido por Bento XVI “para que a Igreja renove o entusiasmo de crer em Jesus Cristo, único Salvador do mundo, reavive a alegria de caminhar pela via que nos tem indicado; e testemunhe de modo concreto a força transformadora da fé” (Bento XVI, Audiência 17/10/2012).

Crer, um caminho que dura tanto quanto a vida.

Talvez possa parecer estranho que dedique esta carta de Páscoa ao tema da fé. Alguns poderiam pensar que a fé é um pressuposto óbvio na vida de um religioso e franciscano. Eu não creio que seja assim. Realmente a fé nunca pode ser dada por descontada, particularmente em nosso tempo em que “uma profunda crise de fé atingiu muitas pessoas” (PF 2). E dado que atravessar a Porta da fé (cf. Atos 14,27) “implica embrenhar-se num caminho que dura a vida inteira”, que “tem início

(cf. Mc 9,24)

no batismo (cf. Rom 6,4) [...] e está concluída com a passagem através da morte para a vida eterna” (PF 1), é necessário que em todo tempo e em toda circunstância da vida se faça verdade sobre nossa fé, a fim de que esta cresça dia a dia e possa “fazer brilhar, com evidência sempre maior, a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo” (PF 2). Precisamos ter a coragem de perguntar-nos: sou pessoa de fé ou um simples *ateu praticante*? Qual é o estado real de “saúde” da minha fé? Temos de ter também a lucidez necessária para dar uma resposta sincera e profunda a perguntas tão vitais como estas.

Penso de dizer a verdade ao afirmar que a crise de fé vivida dentro da Igreja, como muitas vezes denunciou o Papa, também é palpável entre nós. Ao afirmar isso não penso tanto numa fé teórica e conceitual, mas numa fé celebrada, vivida e confessada na vida quotidiana. Sem negar que a maior parte dos irmãos dão cotidianamente, sem holofotes, sem aplausos e sem grandes discursos, testemunho humilde de uma fé confessada, vivida e celebrada, permanecendo fiéis contra toda a esperança e fazendo de sua vida experiência do mistério pascal, também é verdade que o secularismo, entendido como um conjunto de atitudes hostis à fé e que afeta vastos setores da sociedade, pode ter entrado em nossas fraternidades e em nossas vidas; e que a queda do horizonte da eternidade e a redução do real à única dimensão terrena tem sobre a fé o efeito que tem a areia jogada sobre a chama: a sufoca e acaba por apagá-la. Creio que seja necessário, especialmente durante este *Ano da fé*, fazer uma parada, *moratorium*, para avaliar a nossa fé. Quanto são atuais as palavras do então Cardeal Ratzinger quando, em 1989, afirmava: “a apostasia da idade moderna se funda sobre a queda de uma verificação da fé na vida dos cristãos.”

Fé é vida.

O Papa na sua catequese sobre a fé, no dia 17 de outubro de 2012, afirma: “Ter fé no Senhor não é um fato que interessa só à nossa inteligência, a área do saber intelectual, mas é uma mudança que envolve a vida, a totalidade de nós mesmos: sentimento, coração, inteligência, vontade, corporeidade, emoções, relações humanas.” E nesta mesma ocasião o Papa Bento se pergunta: “A fé é verdadeiramente a força transformadora em nossa vida, em minha vida? Ou é só um dos elementos que fazem parte da existência, sem ser o determinante que a envolve totalmente?” É isto, meus queridos irmãos e

irmãs, o que temos de perguntar-nos, porque a fé, longe de ser algo separado da vida, é a sua alma: “A fé cristã, operosa na caridade e forte na esperança, não limita, mas humaniza a vida; mais ainda, a torna plenamente humana” (Bento XVI, *Audiência* ...). Não podemos falar de fé sem fazer referência à vida, porque é esta que a torna compreensível e atraente (cf. *Sant* 2, 1ss). Fé e vida se exigem reciprocamente, e uma sustenta a outra. Por outro lado, sustentados pela fé, olhamos com confiança o nosso compromisso pela transformação das estruturas de pecado, esperando “novos céus e nova terra, onde habitará a justiça” (2P 3,13). Só unindo fé e vida, fé e compromisso em favor de uma sociedade mais em sintonia com os valores do Evangelho, seremos “sinais vivos da presença do Ressuscitado no mundo” (PF 15). Com razão o Capítulo de 2006 nos dizia no documento final: “A fé implica tudo o que somos, [...] A vida na fé é a verdadeira fonte da nossa alegria e da nossa esperança, do nosso seguimento a Jesus Cristo e do nosso testemunho para o mundo” (*Sfc*, 18). Fé e vida são inseparáveis.

São Boaventura, no *Prólogo do Breviloquium*, define a fé com três imagens que considero muito esclarecedoras em relação ao que estamos dizendo: “*fundamentum stabiens*”, fundamento que dá estabilidade; “*lucerna dirigens*”, lâmpada que dirige; “*ianua introducens*”, porta que introduz. Enquanto *fundamento*, a fé é o que dá estabilidade à nossa vida; enquanto *lâmpada*, a fé é a luz que consente ver e indica a direção justa; enquanto *porta*, a fé é a que permite ir mais além e que introduz na comunhão com o Santo dos santos. A fé é a luz que nos permite alcançar e poder abrir a porta que nos introduz sem obstáculos no mundo de Deus, permitindo-nos caminhar segundo a Sua vontade.

A fé: graça e responsabilidade.

Crer supõe, acima de tudo, *acolher* um dom com o qual somos agraciados imerecidamente: o dom da fé. “O Senhor lhe abriu o coração para que atendesse ao que Paulo dizia”, afirmam os Atos ao referir-se à Lídia (cf. Atos 16,14). Francisco assim o reconhece também em seu *Testamento*: “O Senhor me deu uma tão grande fé [...] O Senhor me deu e me dá tanta fé...” (cf. *Test* 4,6). Para Francisco, e também para nós, tudo é graça (cf. *Test* 1.2.4.6.14.25), também a fé. Por isso a fé visa sempre atuar e transformar a pessoa a partir de dentro, visa a conversão da mente e do coração.

A fé, no entanto, é também compromisso pessoal para conservá-la e fazê-la crescer. Por isso Bento XVI nos propõe que durante este *Ano da fé* façamos “memória do dom precioso da fé” (PF 8). Já o santo Bispo de Hipona numa de suas homilias sobre a *Redditio Symboli*, a entrega do Credo, diz: “Vós o tendes recebido [o Credo], porém deveis tê-lo sempre presente na mente e no coração, deveis repeti-lo nos vossos leitos, pensar nele nas praças e não o esquecer durante as refeições; e, mesmo quando o corpo dorme, o vosso coração continue de vigília por ele” (S. Agostinho, *Sermo* 215, 1). A Igreja primitiva pedia que se aprendesse de memória o Credo (cf. PF 9), para *conservar* a fé e para *recordar* a própria

condição de pessoas de fé. Este *re-cordar*, passar de novo pelo coração, não se limita ao passado, mas faz com que a fé entre no presente, qualificando a própria vida, e se abra ao futuro desenvolvendo-se, como cresce o grão de mostarda (Mt 13,31). Assim o conteúdo do Credo, síntese de nossa fé, se faz história, se faz vida e se abre às *mirabilia Dei*, “obras admiráveis de Deus”, que o Senhor continua a operar em nós.

A fé é, pois, uma graça que devemos acolher com verdadeira e profunda gratidão, e uma responsabilidade que nos leva a tomar consciência dela, “para reavivá-la, para purificá-la, para confirmá-la e para confessá-la” (Paulo VI, *Exortação Apostólica Petrum et Paulum Apostolos*, 1967). A fé, se queremos que não se apague, perdendo assim a possibilidade de ser sal e luz em nosso mundo (cf. Mt 5,13-16), deve ser redescoberta constantemente (cf. PF 4), e vivida com alegria, de tal modo que possamos confessá-la, individual e comunitariamente, interior e exteriormente (cf. *Petrum...*) e celebrá-la na liturgia e em nossa vida cotidiana (cf. PF 8,9). A fé que me foi dada, me foi também confiada para que a conserve e a faça crescer. Com o coração se crê, e com a boca se faz a profissão de fé (cf. Rom 10,10). Acolhida e responsabilidade são inseparáveis.

A fé: adesão a Cristo e à Igreja.

Tentando sintetizar ao máximo, penso que a resposta à pergunta, *o que é a fé?*, seja *adesão*. *Adesão cordial* a uma pessoa, à pessoa de Cristo, e *adesão gozosa* aos conteúdos, os que a Igreja nos propõe no Credo e através do Magistério. A adesão à pessoa de Jesus Cristo, essencial na vida da pessoa crente, comporta um encontro pessoal com Jesus através de uma vida intensa de oração, de uma rica vida sacramental e da Leitura orante da Palavra. Temos de ser muito conscientes de que no campo da fé jogamos tudo no encontro com a pessoa de Jesus. Sem este encontro nossa adesão será a uma idéia ou ideologia, nunca a uma pessoa ou a uma forma de vida. Por outro lado, a adesão aos conteúdos da fé que nos apresenta a Igreja comporta o conhecimento de tais conteúdos e uma reflexão profunda sobre eles, assim como uma visão de fé sobre a própria Igreja. Não se trata de professar “a minha fé”, mas de fazer minha a fé da Igreja, o que se traduz em *obediência caritativa* (cf. *Adm* 3,6) e em consentimento “com a inteligência e a vontade ao que propõe a Igreja” (PF 10; *Dei Verbum* 5; *Dei Filius* III). Faço meu o convite do último Sínodo para reanimar o nosso entusiasmo de pertencer à Igreja (cf. *Instrumentum Laboris* 87). Somente com este entusiasmo poderemos “restaurá-la”, como fez Francisco.

A fé conforme Francisco.

Enquanto Irmãos Menores ou seguidores de Francisco, é importante deter-nos, ainda que brevemente, sobre o caminho da fé de Francisco e as suas expressões. Tendo presente os seus *Escritos*, é fácil descobrir que a fé do Assisense é, acima de tudo, uma fé teologal, com clara estrutura trinitária e cristocêntrica (cf. *Ad* 1; *RnB* 22,41-55; 23,11; *LM* 9,7). A sua experiência espiritual

se caracteriza por uma relação de familiaridade com a Trindade. Além disso, algo que salta imediatamente à vista é que sua fé tem uma dimensão eclesial, superando assim a visão meramente individualista. Francisco, como a própria Igreja, nos ensina a dizer “creio”, “cremos” (cf. *PF* 9). No *Testamento* faz confissão da sua “fé nas igrejas e nos sacerdotes” (cf. *Test* 4-7). Esta “fé nas igrejas e nos sacerdotes” nos leva a compreender também outro aspecto digno de nota: a importância existencial da Igreja na vida da fé de Francisco; importância que não se deve à perfeição de seus membros, particularmente da hierarquia ou dos sacerdotes, mas ao fato que nela se pode encontrar a Cristo. Deus fala a Francisco na Igreja e através dela, também quando esta “é ameaçada de ruína” (cf. *2Cel* 10-11; *LTC* 13), porque nela, também naquele tempo, está Cristo. Francisco nunca verá a Igreja, a Igreja Romana da qual fala, como uma ameaça para viver o Evangelho, nem sequer quando esta poderia ser uma igreja “ferida” e “pecadora”. “E não quero considerar neles o pecado - dirá falando dos sacerdotes-, porque vejo neles o Filho de Deus, e eles são meus senhores” (*Test* 9). Desde sua fé em Cristo, que se encontra na Igreja e que passa através da fé “nas igrejas e nos sacerdotes”, se comprehende porque o *Poverello* tenha entregado a sua *Forma de vida*, revelada-lhe pelo Altíssimo (cf. *Test* 14), à aprovação da Igreja, e que na *Regra* prometa “obediência e reverência ao senhor papa Honório e a seus sucessores canonicamente eleitos e à Igreja Romana” (*RB* 1,2). Nessa mesma ótica, se entende muito bem que peça a seus Irmãos que vivam segundo “a fé e a vida católica” e que isto seja uma condição para permanecer na Fraternidade (cf. *RnB* 19,1-2). Também é facilmente comprehensível que a “fé católica” seja para São Francisco um dos critérios fundamentais do discernimento de um candidato (cf. *RB* 2,3), e a Igreja critério para a verdadeira fé (cf. T. Matura, *Francesco parla di Dio*, Milano 1992).

Uma penúltima anotação.

Em seu itinerário, “o mistério eucarístico constitui para Francisco o coração da vida de fé” (P. Martinelli, *Dammi fede diritta*, Porziuncula 2012), como aparece, entre outros muitos textos, na primeira *Admoestação*. Diante deste mistério é necessário ativar os olhos do espírito ou os olhos da fé, uma expressão que já encontramos

em Santo Agostinho, para evitar o ver *segundo a carne* e, como consequência, “não ver nem crer” (cf. *Adm* 1,8; C. Vaiani, *Vedere e credere. L'esperienza cristiana di Francesco*, Milano 2000). Finalmente, temos de recordar que para Francisco o mistério eucarístico está intimamente unido à Palavra, ao ponto de considerar esta segundo a mesma lógica da Eucaristia, e para a Palavra pede “veneração” (cf. *Ord* 34-37), porque nela se deve honrar “o Senhor” (cf. *Ord* 36). Atrás das palavras, Francisco “vê” a Palavra; nas palavras escuta a Palavra salvífica do Pai no momento presente (cf. *2Fi* 34).

Como se pode ver, a fé de Francisco não é, em absoluto, una fé abstrata. Hoje se nos apresenta como uma testemunha de fé: a confessou, a professou, a celebrou e a testemunhou com a sua vida, em um ambiente nada fácil. O que nos está dizendo Francisco como confessor da fé? Que mudanças nos pede no que se refere à fé?

Conclusão

Queridos irmãos e queridas irmãs: muitas vezes se diz que o problema da Igreja são os “afastados”. Pessoalmente penso que não só eles são o problema, mas também os “de perto” podem ser um problema quando permanecem na soleira da “Porta da fé” sem nunca atravessá-la.

O *Ano* que estamos vivendo é um convite urgente para atravessar a *Porta da fé*, para considerar-nos *peregrinos na noite*, para colocar-nos em caminho para encontrar Aquele a quem nunca buscaríamos se não tivesse vindo antes a buscar-nos (cf. Santo Agostinho, *Confissões*, 13,1). Como afirmou o Cardeal Martini, a fé é sempre “uma fé mendicante”, como aquela dos Magos, nunca uma fé “pré-fabricada”, como a dos escribas (cf. *Mt* 2,1ss). Paulo pede a seu discípulo Timóteo de “buscar a fé” (cf. *2Tm* 2,22), com a mesma constância como quando era jovem (cf. *2Tm* 3,15). Acolhamos este convite como dirigido a cada um de nós e aproveitemos este *Ano* de graça para “fazer memória do dom da fé” (*PF* 8).

Cristo ressuscitou!

Sim, verdadeiramente ressuscitou!

Meus queridos irmãos e minhas queridas irmãs: Feliz Páscoa de Ressurreição! Feliz caminhada neste *Ano da Fé*!

Roma, 19 de março de 2013,
festa de São José.



Vosso irmão, Ministro e servo

Fr. José Rodríguez Carballo, ofm
Ministro Geral, OFM